



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

DE OYÓ À UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Amanda dos Santos Lemos (a) - a
a

Isabele Viana Marques Sara Cirstina Parente Alves (a) **Vitória de Sá Rangel** (a)

DE OYÓ À UNIVERSIDADE: Reflexões sobre a educação de mulheres negras no Brasil

Palavras-chaves: Mulheres negras – Educação – Racismo – Trabalho

Keywords: Black women – Education – Racism – Work

I. INTRODUÇÃO

As reflexões desse texto são fruto do Projeto de Iniciação Científica – “Da senzala à Universidade: A trajetória educacional da mulher negra na sociedade brasileira” – realizado entre os anos de 2017-2018, que se dedicou a refletir sobre a presença da mulher negra na universidade brasileira. Observe-se que após o processo de imersão no objeto de estudo, optamos por mudar o próprio nome do projeto, remetendo nossa história e ancestralidade ao longínquo reino de Oyó, afinal “nossos passos vem de longe”. A motivação para a realização desse trabalho veio com a edição do mês de abril de 2017, da **Revista Você S/A**, que trouxe em sua reportagem de capa, uma foto de Rachel Maia – “única CEO¹ negra do Brasil” – com a seguinte pergunta: “Por que ela ainda é exceção?”. Nas páginas centrais da revista, a reportagem mostra números alarmantes quanto a posição do negro nos níveis hierárquicos institucionais e, em especial as mulheres dessa etnia. Mais de 55% dos brasileiros são afrodescendentes, mas apenas 4,7% ocupam cargos executivos. “Represento, sim, 0,4% do universo de presidentes”², disse Rachel recentemente em palestra ministrada em São Paulo. Não precisamos ler reportagens para concluirmos que o negro ainda é preterido sim (!) no mercado formal de trabalho, especialmente, em cargos executivos e de liderança, uma breve observação em nossos próprios espaços de trabalho, confirmarão os dados apontados pela revista, o racismo no Brasil é estrutural, institucional, normatizado. Entretanto, nosso objetivo aqui não é falar sobre o racismo no mercado de trabalho, pois, entendemos que há uma questão anterior (que precisa ser debatida) ao ingresso e ascensão no mercado, que é o processo educacional. Nos dias de hoje, é difícil pensar em boas oportunidades de trabalho sem uma excelente qualificação profissional. Graduação, cursos de especialização, cursos de idioma, cursos de atualização, o nível de exigência do mercado é cada vez mais alto e, sem dúvida alguma isso tem um custo material e subjetivo a ser pago, se olharmos a própria história de Rachel Maia veremos que em algum momento esse “investimento” foi feito:

Rachel tinha um diploma em Ciências Contábeis da Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) quando começou a trabalhar na 7-Eleven, empresa americana com uma cadeia de lojas de conveniência em vários países, nos anos 1990.

¹ CEO – é a sigla inglesa para “ChiefExecutive Officer”, que significa Diretor Executivo. Mas qual é exatamente a função desse chefe executivo? O CEO é a pessoa com maior autoridade na hierarquia operacional de uma organização, ele é o responsável pelas estratégias, pela visão da empresa e por mantê-la fiel aos seus valores. (Disponível em: <https://www.escolaedti.com.br/voce-sabe-o-que-e-ceo/>. Acessado em abr. de 2019.)

²Disponível em: <https://www.napratica.org.br/mulher-negra-e-brasileira-conheca-rachel-maia-ceo-da-pandora-no-brasil/>. Acessado em abr. de 2019.

Quando a companhia deixou o Brasil, ela usou o dinheiro da rescisão para 'investir em mim mesma'. Foram dois anos em Vancouver, no Canadá, onde estudou inglês e administração. 'Passei as primeiras semanas falando só a frase oh, it'ssobeautiful'.³

A questão é que como o racismo no Brasil é institucional, está enraizado nas instituições e nas próprias relações sociais, as oportunidades para que os negros possam fazer esse tipo de "investimento" são negadas desde sempre. No caso específico das mulheres, a questão é mais crítica, pois, associa-se etnia e gênero, relegando a essas mulheres o lugar de protagonismo. Soma-se aqui também o marcador classe social, que delimita muito o espaço de permanência dessa população. Pretendemos então, refletir sobre a inserção da mulher negra na Academia, entendendo essa inserção e **permanência**, como um ato político, de resistência e enfretamento do racismo institucional e das múltiplas expressões da Questão Social.

II. O MUNDO ACADÊMICO E A NEGRITUDE

Não podemos falar de democratização do sistema educacional se não consideramos o local de marginalização social, econômica e cultural de que partem os negros comparados àqueles ditos como privilegiados. O que não quer dizer que em seus contextos sociais mais específicos não há uma cultura complexa e de resistência que deva ser apreendida e servir de base para fortalecer as lutas por um novo projeto de mundo livre de toda exploração e opressão. (BOAS, 2015) Vivemos em uma sociedade em que a educação não recebe o investimento e tratamento devidos, seus profissionais e seus espaços estão degradados, sucateados, desvalorizados. As oportunidades nas boas instituições de ensino são disputadas, acirradamente, por uma multidão de sujeitos, que acreditam que a educação é o instrumento para ascensão e transformação. Mas, o caminho para o acesso a essas oportunidades é sinuoso e agravado por diferentes expressões da Questão Social, as quais historicamente, negros e negras, estão iminentemente mais suscetíveis, logo, a probabilidade de lograrem êxito nessa empreitada diminuem diariamente. Desde muito tempo, a mulher negra vem buscando espaço para se inserir no *Mundo Acadêmico*, esbarrando sempre nas dificuldades de gênero e raça. Segundo dados do censo de 2010 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / IBGE⁴ –, mulheres estudam mais que homens, porém a porcentagem de mulheres brancas estudando é duas vezes maior que a de mulheres negras. É preciso pensar que quando conseguem superar os obstáculos e ingressarem na educação superior, a permanência dessas mulheres é marcada por muita luta e resistência. Muitas são chefes de família, tem empregos pesadíssimos, não tem apoio familiar, consequência, de um processo histórico de destituições, subalternidades e

³ Disponível em: <https://www.napratika.org.br/mulher-negra-e-brasileira-conheca-rachel-maia-ceo-da-pandora-no-brasil/>. Acessado em abr. de 2019.

⁴ Dados disponíveis em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acessado em out. de 2018.

abandonos afetivos. O ingresso da mulher negra na universidade se deu apenas em 1879, porém só se consolidou no final do século XIX, quando a primeira mulher negra, se formou em um curso superior, destinado inicialmente aos homens, *medicina*. Felizmente, ao longo dos anos vem aumentando o número de acadêmicas negras, porém, um dos grandes desafios hoje, talvez seja a permanência dessas meninas e mulheres. O ambiente acadêmico é competitivo, as vezes hostil e excludente, em especial, com mulheres negras. A falta de empatia e compreensão em relação as trajetórias pessoais e sociais de cada uma dessas negras, torna a permanência e continuidade na carreira acadêmica, algo muito sofrido e solitário. Quando falamos das dificuldades enfrentadas pela população negra, não é “mimimi” ou folclore, as estatísticas, o noticiário, o nosso dia-a-dia, ratifica cada um dos nossos argumentos.

um dos maiores objetivos ao ingressar na universidade, é a permanência nela, pois a academia é um dos lugares mais excludentes em relação aos negros e principalmente mulheres.

Sua jornada, muita das vezes, se torna desgastante por necessitarem trabalhar para se manter na faculdade, em empregos que geralmente ultrapassam a carga horária instituída e com isso diminuindo o rendimento em sala de aula.

Ao exibir seu conhecimento acadêmico muita das vezes a mulher negra é taxada como arrogante, pois em uma sociedade altamente racista e excludente isso não seria diferente.

A autoestima negra também é muito ligada a sua permanência na universidade, pois a todo o momento se escuta “que não se é capaz, que não é o seu lugar e que você não merece estar ali” e muitas vezes até a família pode dificultar a permanência nesse meio.

O que acontece é que por não haver, muita das vezes, um histórico familiar acadêmico, os membros familiares não conhecem determinada realidade e acabam não dando tamanha importância, em outros casos, podemos destacar também, famílias que mesmo querendo que os filhos ingressem em uma universidade e sigam caminhos diferentes do que os instituídos socialmente continuam não compreendendo o desafio acadêmico.

Mas não podemos ser ingênuos e descartar ou minimizar a influência da questão racial na vivência dessas expressões. Para compreender esse processo de racialização precisamos nos remeter ao período escravocrata e entender como os negros/as ainda nos dias de hoje arrastam os grilhões da escravatura.

Para o capitalismo se desenvolver foi necessário um processo de acumulação de riqueza que só foi possível graças ao sequestro de africanos para serem escravizados nas colônias dos países imperialistas e à espoliação de seu continente. Ou seja, a escravidão foi base estrutural da constituição do capitalismo. Não é por acaso que a Inglaterra foi o polo da Revolução Industrial e era quem monopolizava o tráfico negreiro. Negros trabalharam nos latifúndios, extraíam o ouro, amamentaram os filhos das sinhás, foram estupradas por seus sinhôs. Não eram considerados humanos, recebiam todo tipo de tortura, não recebiam salários e entregavam todo fruto de seus trabalhos aos seus donos. Quando fugiam para quilombos eram caçados por capitães do mato, mortos pelos bandeirantes.

Ao ser abolida a escravidão, a vida não significou liberdade, mas sim outra situação de precariedade: sem qualquer ressarcimento por parte do Estado, sem os direitos que os brancos tinham, as possibilidades de sobrevivência que lhe restavam advinham de trabalhos sub-humanos, morar em zonas periféricas, preconceito. Ou seja, o racismo institucionalizado e expresso nas relações sociais foi a herança passada às gerações, o que se repercute, material e subjetivamente, no acesso pleno aos direitos ditos essenciais e à reprodução de desigualdades, como a educação. O racismo institucional impede formação mais qualificada de negros e negras, quando coloca-os no ensino básico de baixa qualidade e quando sequer apresenta a formação superior como uma possibilidade real, delegando-os postos de trabalhos precários e mal remunerados enquanto rebaixa os salários de conjunto dos trabalhadores, já que há um enorme mercado de homens e mulheres que podem trabalhar por um preço muito menor. Se não houvesse lucro sobre o racismo, este não se manteria. (BOAS, 2015)

Não estamos vitimizando o negro/a, estamos trazendo à baila dados concretos, que comprovam que esses sujeitos vivenciam de maneira muito mais incisiva a pobreza, a violência, a baixa estima e, que em uma escala de sobrevivência a educação formal, vai se tornando algo muito distante e inatingível. As necessidades materiais, concretas, sempre

mais urgentemente, frequentemente, determinam a entrada dos/as jovens negros/as, precocemente, no mercado de trabalho, deixando a educação em segundo plano. Obviamente, essa entrada precoce é em funções mais simples e subalternas e sem a formação desejada por um mercado cada vez mais seletivo, a ascensão torna-se realmente, algo impossível, assim como a mobilidade social. Além da severidade das condições de vida, impostas pelo sistema social em que vivemos, à essa população já foi conferida historicamente a condição desumana, um desvalor e uma periculosidade aferida a animais bestializados. Infelizmente, essa coisificação do sujeito negro, não foi superada. Sua humanidade não lhe foi devolvida. E no caso da mulher tudo é mais intenso, porque a condição de gênero já confere inferioridade às mulheres e, quando associada a essa desumanidade os resultados podem ser nefastos. Nesse cenário, serão criadas as políticas de cotas – “As cotas raciais são um modelo de ação afirmativa implantado em alguns países para amenizar desigualdades sociais, econômicas e educacionais entre raças” – que cumprem um papel possível no nosso nível de desenvolvimento, mas, não equacionam o problema. As cotas promoveram o acesso do negro à universidade, mas o número de vagas destinadas às cotas não são suficientes para realização desta “tal” reparação; as cotas promovem o acesso, mas, não a permanência no ensino superior; não há uma cultura de entendimento dessa estratégia, levando os alunos cotistas a enfrentarem muitas situações constrangedoras; o ensino fundamental, que forma para o ingresso no ensino superior, continua muito aquém do que deveria ser; e, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) “as mulheres que começam a se movimentar para ocupações de nível superior são predominantemente brancas, enquanto há uma forte concentração de mulheres pretas e pardas no serviço doméstico”. Então, há algo mais profundo que a simples viabilização do acesso, para que as mulheres negras possam se capacitar técnica e academicamente, tendo assim, condições reais de disputa por vagas no mercado de trabalho. Assim, com essa breve explanação, o que propomos aqui é uma investigação para compreendermos como se dá a inserção da mulher negra no ensino superior brasileiro.